

# MATERIALIDADES DISCURSIVAS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ÁTVARS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Coleção A espessura da linguagem

Comissão Editorial

MÓNICA ZOPPI-FONTANA (Coordenadora)

CÁRMEN LÚCIA HERNANDES AGUSTINI – FREDIA INDURSKY

GRECIELY CRISTINA DA COSTA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

TAISIR MAHMUDO KARIM

Bernard Conein – Jean-Jacques Courtine  
Françoise Gadet – Jean-Marie Marandin  
Michel Pêcheux  
(orgs.)

# MATERIALIDADES DISCURSIVAS

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

---

M418 Materialidades discursivas / organização: Bernard Conein... [et al.] – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

(A espessura da linguagem)

1. Pêcheux, Michel, 1938-1983. 2. Análise do discurso. 3. Linguagem. I. Conein, Bernard. II. Título.

CDD - 401.41  
- 400

ISBN 978-85-268-1353-3

---

Copyright © by organizadores  
Copyright © 2016 by Editora da Unicamp

1ª reimpressão, 2019

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.  
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar  
Campus Unicamp  
Cep 13083-859 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728  
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

O Colóquio “Materialidades Discursivas” (Nanterre, 24, 25 e 26 de abril de 1980) foi organizado por Bernard Conein, assistente de sociologia em Paris VIII Vincennes, Jean-Jacques Courtine, assistente de linguística em Grenoble II, Françoise Gadet, assistente de linguística em Paris X Nanterre, Jean-Marie Marandin, Michel Pêcheux, mestre de pesquisas no CNRS, Laboratório de Psicologia Social da Universidade Paris VII Jussieu, associado ao CNRS.

O Grupo de Pesquisas em Análise de Discurso da Universidade de Grenoble II, o Centro de Pesquisas Linguísticas da Universidade de Paris X Nanterre e a equipe “Língua, Discurso, Ideologias” do Laboratório de Psicologia Social da Universidade Paris VII Jussieu agradecem suas universidades e respectivos laboratórios CNRS, que deram seu apoio científico ao projeto deste colóquio, contribuíram para sua realização e participaram financeiramente da publicação original em francês.

O colóquio foi seguido por uma mesa-redonda que reuniu Antoine Culioli, Jean-Pierre Faye, Jacques Rancière e Elisabeth Roudinesco.



## SUMÁRIO

NOTA INTRODUTÓRIA À TRADUÇÃO BRASILEIRA .....	9
QUESTÕES INICIAIS.....	17

### ANAIS DO COLÓQUIO

ABERTURA DO COLÓQUIO .....	23
----------------------------	----

#### PARTE I - AONDE VAI A ANÁLISE DO DISCURSO?

1. QUE OBJETO PARA A ANÁLISE DE DISCURSO?.....	33
2. OS “ESQUECIMENTOS” DA NOVA RETÓRICA.....	55

#### PARTE II - DISCURSO E HISTÓRIA

3. O MALDIZER.....	73
4. DESCREVER UM ACONTECIMENTO POLÍTICO.....	87
5. A POLÍTICA COMO CONSTRUÇÃO DO IMPENSÁVEL ....	103
6. “O CASO FISZBIN”: UM EXEMPLO DE RESISTÊNCIA.....	121

#### PARTE III - DISCURSO E LÓGICA

7. A FRONTEIRA AUSENTE.....	151
8. WITTGENSTEIN E A DUPLA NEGAÇÃO.....	167

#### PARTE IV - DISCURSO E LINGUÍSTICA

9. TRAPACEAR A LÍNGUA .....	185
10. PALAVRAS MANTIDAS A DISTÂNCIA .....	201
11. O ENUNCIADO: ENCAIXE, ARTICULAÇÃO E (DES)LIGAÇÃO.....	227

12. A ELIPSE (FALTA NECESSÁRIA) E A INCISA (ACRÉSCIMO CONTINGENTE) .....	237
---	-----

PARTE V - DISCURSO E PSICANÁLISE

13. A PROVA DA PSICANÁLISE .....	249
14. O NEUTRO DO SUJEITO .....	257
15. MODESTA CONTRIBUIÇÃO A UM ELOGIO DA DEBILIDADE .....	269
16. MESA-REDONDA: DISCURSO HISTÓRIA-LÍNGUA .....	283
17. A FRONTEIRA AUSENTE (UM BALANÇO) .....	321
 BIBLIOGRAFIA .....	 329

## NOTA INTRODUTÓRIA À TRADUÇÃO BRASILEIRA

A tradução deste livro vem em momento bastante oportuno. Primeiro, porque resulta de um evento que reuniu diferentes especialistas de diferentes áreas para discutir que materialidades se encontram na análise dos fatos de discurso pela história, pela psicanálise e pela linguística, a partir de três asserções: há um real da língua, há um real da história e há um real do inconsciente. E elimina a ideia de uma posição teórica que pudesse aí organizar um dispositivo de respostas para tudo. O que se objetiva, diz M. Pêcheux, um dos idealizadores do encontro, é resistir às falsas respostas que conotornam, para isso, a materialidade do que está presente na língua. Distanciando-se de um objeto total, no encontro entre historiadores, linguistas e (psic)analistas, Pêcheux afirma que a questão teórica das materialidades discursivas surge daquilo que resulta de heterogeneidade entre a história, a língua e o inconsciente. Em suas palavras: “A questão teórica das *materialidades discursivas* surge precisamente daquilo que, entre a história, a língua e o inconsciente, resulta como heterogeneidade irreduzível [...]”. Ou seja, do meu ponto de vista, afirmação da posição de entremeio. Nem psicanálise, nem linguística, nem história, tampouco a soma delas. A análise de discurso coloca-se assim questões que se fazem na relação de entremeio entre elas, questões que elas

não se colocam e não buscam responder. Nem um objeto total, nem uma teoria geral, onipotente. Com atenção especial à natureza das questões específicas a cada uma delas. A outra razão que considero importante para a leitura deste livro é porque o que se vê, neste momento, sobretudo no campo da análise de discurso, mas não só, é o uso indiscriminado de noções que têm seu peso epistemológico\* e sua importância na compreensão de diferentes campos da ciência. A noção de materialidade é uma dessas noções que têm tido seu uso banalizado. Digo isso, pela minha experiência e pela minha produção no campo dos estudos do discurso, porque me tenho defrontado, inúmeras vezes, com um expressivo desconhecimento, provavelmente pela falta de leituras, de reflexão e de amadurecimento teórico que está no impulso de muitos dos que se aventuram, de qualquer maneira, na “manipulação” (manejo?) desse conceito. Na maior parte das vezes, chamam de materialidade – por exemplo: “a materialidade que vou analisar são os textos encontrados no jornal *x*” – o que já está categorizado nas disciplinas da linguagem, em geral, como “*corpus*”, em algumas, como “dados”, ou, em outras, simplesmente como “o objeto de análise”. Mas, certamente, não cabe chamar isso de “materialidade”. Não nessa formulação. É o que é preciso compreender – coisa sobre a qual insisto há muitos anos – é que a escrita da análise de discurso é o lugar da sua produção, da sua práxis, lugar de definição de seu estatuto de entremeio na relação sujeito/sentido, lugar da compreensão mesma do que é análise de

---

\* Uso indiscriminado e ao mesmo tempo nostálgico dos anos 60/70 do século XX. Ai lembraria M. Pêcheux que diz que não são as respostas, são as perguntas que envelhecem...

discurso. Historicidade. Materialidade. Uma escrita, um campo de conhecimento que se constitui no embate tenso com outras. Deve-se encontrar a formulação precisa que abre a reflexão com base na análise de acordo com os princípios teóricos e metodológicos do lugar demarcado pela análise de discurso, em seu desenvolvimento e seus avanços. É preciso saber o que é materialidade discursiva, afinal de contas, sobretudo quando se pensa que se está em um campo teórico ancilar ao materialismo. Não se trata, com isso, de fechar um campo de conceitos, mas de compreender e evitar a generalização e o desconhecimento teórico, com suas consequências analíticas. O que falta, em geral, a esses usos pouco reflexivos de materialidade, é um saber específico; uma série de questões deveria ser feita para chegar até eles, o que poderia ser feito pelo entendimento de textos conhecidos do materialismo histórico e, sobretudo, de textos de análise de discurso que incorporam e ressignificam em seu campo teórico tais noções. Não para se tornar mais um especialista nisso, mas para saber situar-se teoricamente, para compreender por que, em Pêcheux, temos uma análise de linguagem que é materialista, distante do humanismo, da metafísica, do positivismo. Ou para compreender, na análise de discurso, por que certas noções são trabalhadas, diferentemente de outras teorias que trabalham com linguagem. Portanto, não se trata de tornar-se um especialista em materialismo, mas de saber dimensionar o interesse, o lugar e a forma que o materialismo tem na reflexão sobre o discurso da filiação a Pêcheux.

É preciso, de modo ainda simplificado (mas não simplificador), mesmo sem frequentar as grandes discussões de

grandes teóricos desse campo, distinguir materialismo dialético e materialismo histórico. Essa distinção é fundamental para estudiosos da filiação discursiva a Pêcheux, uma vez que a noção de processo e a de movimento são básicas no estabelecimento da teoria e da análise de discurso que ele propõe. O materialismo dialético é uma doutrina do marxismo que tem como ideia central que o mundo não pode ser considerado um complexo de coisas acabadas, mas um *processo* em que as coisas e os reflexos delas na consciência (os conceitos) estão em *incessante movimento* gerado por mudanças qualitativas. O materialismo histórico afirma que o modo de produção da vida material condiciona o conjunto de *processos da vida social, política* etc. Nessa perspectiva teórica, a *matéria* é a substância suscetível de receber uma *forma*. O que interessa, assim, é a materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de descobrir (pelo movimento do pensamento) as leis fundamentais que definem a forma de organização dos homens em sociedade ao longo da história. Pelo caráter material, os homens se organizam na sociedade para produção e reprodução da vida; pelo caráter histórico, sabemos como se organizam, no curso da história. Qual é, aí, o lugar da linguagem? Ora, é possível vislumbrar aí a necessária referência à definição da teoria do discurso como determinação histórica dos processos de significação. Temos, assim, a superação da separação sujeito/objeto, pela contradição e pelo movimento no mundo. Sabemos que, se Hegel trata a dialética idealmente, o mundo dos homens exige sua materialização (práxis): transformação objetiva do processo social, isto é, transformação das relações entre homem-natureza e homem-homem. A lingua-

gem é parte dessa situação concreta em que estamos diante de múltiplas determinações nesse processo: determinação econômica, política, das ideias. Daí trabalhar-se, na análise de discurso, com a noção de condições de produção filiada ao campo do materialismo.

Retomando, pois, a questão da materialidade, se tomarmos como referência o materialismo, podemos afirmar que o que existe é a matéria.

Podemos, então, nos referir a Engels que criou o termo de materialismo histórico para designar a doutrina de Karl Marx, segundo a qual, os fatos econômicos são base e causa determinante dos fenômenos históricos e sociais. O materialismo dialético engloba o materialismo histórico, considerando o universo como um todo, como dissemos, formado de matéria e movimento. Podemos aí pensar o discurso, na afirmação do discurso como matéria e movimento, como tenho feito em minha prática analítica.

Se nosso objetivo é pensar a materialidade, quanto ao discurso e sua relação com a ideologia, a melhor maneira de compreendê-la, nessa filiação e no modo como formula Pêcheux (1975), é a afirmação de que a materialidade específica da ideologia é o discurso, e a materialidade específica do discurso é a língua. Processo e movimento, matéria (substância suscetível de receber uma forma). Em minhas reflexões, e como resultado de minha formação, para tratar dessa questão em termos analíticos, tomei da linguística (Hjelmslev, 1971), como instrumento teórico, a noção de *forma material* (nem abstrata, nem empírica, mas linguístico-histórica) e a ressignifiquei na teoria do discurso. Duplo deslizamento: do estruturalismo para o materialismo e da

linguística para a análise de discurso. Junto à questão da materialidade, agora pensando o efeito ideológico, aliando o histórico ao político e ao social, podemos dizer, a propósito da ideologia – tanto na interpelação do indivíduo em sujeito (forma sujeito histórica) como na produção dos sentidos (em sua determinação histórica) – que não há dissimulação, ou ocultação, mas interpretação do sentido em uma direção (Orlandi, 1996). Daí o trabalho com a relação entre ideologia e interpretação. Nessa perspectiva, o efeito ideológico não se relaciona à falta, mas ao excesso: é o preenchimento, a saturação, a completude que produz o efeito de evidência, que se assenta no mesmo, o já-lá. Estanca o movimento. O processo ideológico, no discursivo, está justamente nessa injunção a *uma* interpretação que se apresenta como *a* interpretação. O que está em questão para nós, analistas de discurso, nessa filiação, é a materialidade do discurso: dos sujeitos e dos sentidos. Se pensarmos a materialidade, a língua, o sujeito e a história, a ideologia é um componente incontornável da teoria (materialista) do discurso.

Esta e muitas outras questões em torno das materialidades discursivas – e observe-se que se trata do plural, como está no título – são trabalhadas neste livro que, sem dúvida, marcou um acontecimento universitário, mas, muito mais que isso, um acontecimento que atinge o espaço de deslocamento das fronteiras entre disciplinas em que diferentes formas de conhecimento se (re)organizam, para trabalhar com as distintas formas de real que anunciamos no início desta apresentação, ou seja, o da língua, o da história, o do inconsciente. É esse acontecimento que o leitor terá a sua disposição para refletir. Sem cair na ilusão de que basta,

ecleticamente, a adição ingênua da linguística, à história e à psicanálise, para se atingir o discurso. Chegamos, assim, à questão nodal, posta então por Pêcheux: com que matéria lidamos com a materialidade discursiva? O discurso: dejetos da língua dos linguistas ou horizonte para além da frase? Um terreno de encontros problemáticos e de questões abertas. Essas eram as questões colocadas em 1980, na ocasião desse colóquio. Questões que foram o êmulo de desenvolvimentos, deslocamentos, na história das ideias discursivas. A análise de discurso com seus avanços, seu contorno teórico-analítico já bem delineado, constituiu seu método e instituiu procedimentos que mostram que ela não se sustenta em uma concepção de discurso como resto estratégico da linguística, e que também já ultrapassou há muito as perquirições que trabalham unidades que têm seu estatuto dependente da dimensão científica de outros campos. Hoje o discurso se define em sua própria dimensão, no campo teórico que inaugurou. História feita de relações e debates entre disciplinas em suas relações de força e de sentidos em que não é pequena a força da contradição na sua institucionalização. Disciplina (interpretativa) de entremeio. Trabalham-se, assim, novos percursos de questionamento, encontrando outras categorias, outros modos de descrever e interpretar, exigindo instrumentos metodológicos diferentes, que nos levam à descoberta de dispositivos analíticos mais fortes, teoricamente mais decisivos, na análise das diferentes formas significantes. Nada mais indicado para se compreender melhor, afinal, as *materialidades discursivas* – envolvendo o sujeito, a história e a língua – que ler atentamente este livro, como um marco em toda essa reflexão. Fi-

nalizo, agradecendo, como sempre, Mme. Pêcheux, assim como os organizadores desse encontro, e os autores dos textos aqui reunidos; encontro que se tornou livro, e autores que, junto a M. Pêcheux e sua determinação em compreender essas materialidades, fazem parte da construção da análise de discurso.

### Referências Bibliográficas

- PÊCHEUX, M. *Les vérités de La Palice*. Paris, Maspero, 1975.
- HJELMSLEV, L. *Prolegómenos a una teoría del lenguaje*. Madrid, Gredos, 1971.
- ORLANDI, E. P. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, Vozes, 1996.

*Eni Puccinelli Orlandi*  
Campinas, janeiro de 2016

*Materialidades discursivas*: quais materialidades se encontram postas em jogo na análise de fatos do discurso pela história, pela psicanálise e pela linguística?

Há *um* real da língua.

Há *um* real da história.

Há um real do inconsciente.

Essa tripla asserção, em que se manifesta uma relação problemática com o real, exclui de pronto que *uma* posição teórica organize seu dispositivo de respostas: trata-se assim de resistir ao sistema de falsas respostas que contornam a materialidade daquilo que está “em jogo” na língua.

Um sintoma: a inflação sobre os termos (texto, língua, gramática, discurso, linguagem, fala...), ponto de fuga em direção a novas formas de acordo acadêmico entre disciplinas, as quais podem assumir fisionomias institucionais (sociolinguística, semiótica, poética, pragmática...), ou fisionomias mais instáveis de submissão, de aliança, de conveniência entre lógica, psicanálise e história.

É possível, remontando as linhas de maior inclinação do ecletismo, do empirismo e do neopositivismo, propor outras questões? A adição ingênua da linguística à história e à psicanálise em uma “teoria do discurso” decididamente

---

\* Tradução: Débora Massmann.

não leva em consideração: aqueles que se entregaram, no passado ou recentemente, a esse fantasma teórico unificador aprenderam a temer seus efeitos universitarisantes que são outra maneira, teoricista, de liquidar a questão acreditando já tê-la resolvido “em seu princípio”.

Tocar nesse triplo real da língua, da história e do inconsciente, sem pressupor uma teoria mais ou menos geral do objeto “discurso”, exige explorar a rede de questões que aí circulam: nossos terrenos de encontro problemáticos.

De que nos protegemos, ao nos declarar linguistas, historiadores ou psicanalistas?

E os efeitos da língua, em que medida eles afetam os limites da história, da linguística e da psicanálise?

Daí deriva a maior parte de nossas questões:

– a que matéria concerne a “materialidade discursiva”?

O discurso: resíduo da língua dos linguistas ou horizonte para além da frase?

O que constitui um enunciado?

O que limita um enunciado?

Há alguma expressão que não constitua enunciado?

Qual relação há entre o regular, em que se funda a teoria da gramática, e o que se repete na forma de enunciados recorrentes no parágrafo, na remissão, na retomada, na memória, na repetição...?

– de que natureza é a decepção diante das disciplinas que pretendem falar da língua, do texto, do discurso, da fala...?

Em história, os acontecimentos (elementos de fala e de práticas) aparecem em outra dimensão que aquela da modificação dos enunciados: por que existe tanta dificuldade em pensar a ligação entre resistência/revolta e discursividade?

Como as formas de existência histórica das ideologias dominadas tocam a questão da língua?

Há níveis linguísticos descritíveis, suscetíveis de caracterizar como tal “a ideologia dominada”?

Há discursos que não revestem a forma de dominação ideológica?

Como existem os discursos da revolta antes da política em sua relação com o Estado?

- Quando se fala de luta de classes, com que estamos lidando no que diz respeito à língua?

O tecido do antagonismo é da ordem da relação ou da não relação?

“Considerar o discurso do adversário”: é sustentá-lo, apreendê-lo, invertê-lo, tomá-lo ao pé da letra?

O que faz limite, fronteira, na ideologia?

O inenunciável de uma ideologia, o que se encontra fora-cluído: há um sujeito para dizê-lo?

O que é falar em seu próprio nome na política?

O porta-voz pode ser anônimo?

